

Atividade, Ação, Fazer e Ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. ¹

Activities, occupation, doing and action: the discussion of the terms in Brazilian Occupational Therapy

¹ Este artigo é resultado de pesquisa realizada com apoio do Programa Ensinar com Pesquisa da Pró-Reitoria de Graduação da USP. Parte dos resultados dessa pesquisa foram apresentados no 15th Congress of the World Federation of Occupational Therapists, realizado em Santiago, no Chile, em maio de 2010.

RESUMO:

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa desenhada para investigar a conceituação que os terapeutas ocupacionais brasileiros adotam a respeito das atividades, considerando o uso dos termos, assim como as concepções relacionadas a diferentes abordagens teóricas e práticas.

Na primeira etapa da pesquisa, cujos resultados foram apresentados em artigo publicado na Revista de Terapia Ocupacional da USP (Lima et al., 2011), 206 artigos foram encontrados em cinco periódicos nacionais da área entre 1990 e 2008, e foi realizada análise quantitativa do material, que possibilitou apontar os termos mais utilizados por autores da Terapia Ocupacional para designar a ferramenta de intervenção ou objeto de estudo da área, a saber, atividade, ação, fazer e ocupação. Na segunda etapa da pesquisa, aqui apresentada, 92 artigos foram selecionados para a análise qualitativa, na qual foram mapeadas as definições mais frequentes para os termos utilizados e as discussões em torno das concepções e dos usos a eles vinculados. Como resultado, foi possível reconhecer diferentes concepções e formas de trabalhar com atividades, produzindo uma compreensão mais aprofundada das práticas e aportes teóricos da área. Reunir e refletir sobre a construção conceitual realizada pelos terapeutas ocupacionais ao longo de quase 20 anos, configurou-se em um exercício crítico, através do qual analisamos a instituição da Terapia Ocupacional e os conceitos produzidos na área.

Descritores: atividades humanas, publicações periódicas, revisão de literatura, Terapia Ocupacional

Abstract

This paper presents results of an inquiry designed to evaluate the current state of the Brazilian occupational therapists' scientific production regarding activities, occupation, doing, and, action. This study considers the use of terms, conceptions, and definitions related to different theoretical approaches and practices in Occupational Therapy.

In the first stage of this survey, presented in a previous text published in *Revista de Terapia Ocupacional da USP* (Lima et al., 2011), 206 articles, published by Brazilian journals between 1990 and 2008, were analyzed quantitatively.

Presented here is the second stage of the study in which 92 articles were selected for qualitative analysis. This analysis mapped out the definitions of terms most frequently used and the discussions around them. As a result, it was possible to recognize different conceptions and ways of working with activities, thus producing a fuller and deeper understanding of practices and theoretical approaches in the field.

Gathering and reflecting on the conceptual construction performed by occupational therapists over almost 20 years, has enabled a critical exercise, through which we explored the institution of occupational therapy and key concepts produced in the field.

Key-words: human activities; periodicals; literature review; Occupational Therapy

I. Introdução

As atividades, ações e ocupações figuram no centro da busca de definição teórica da Terapia Ocupacional (TO). O território profissional dos terapeutas ocupacionais, marcado por práticas e saberes diversos, é constituído em torno dessas noções que, no entanto, já apresentam em suas diferentes definições, concepções e abordagens, a multiplicidade constitutiva do próprio campo. (Nascimento, 1990; Soares, 1991; Lima, 1997; Carlo e Bartalotti, 2001; Medeiros, 2003).

Apesar da plurivocidade dos termos, na Terapia Ocupacional brasileira, a partir de um certo momento do desenvolvimento da profissão, o conceito de atividade se universalizou, abarcando questões relativas ao cotidiano, ao lazer e às atividades expressivas, criativas e produtivas. Este conceito, segundo Galheigo (1988, p. 68) foi “*revisto, criticado transformado, mas nunca abolido*”. No entanto, diferentes formas de conceber e atuar com as atividades convivem, no contemporâneo, nas mais diversas práticas em TO e múltiplos termos coexistem na literatura com o termo atividade. Falcão e Guimarães (2004) apontam a dificuldade que os terapeutas ocupacionais têm tido em categorizar as atividades em virtude das diferentes denominações e significados atribuídas pelos profissionais.

Na pesquisa “*As Atividades no Campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção teórica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008*” foi realizado um levantamento da produção teórica dos terapeutas ocupacionais brasileiros em torno da questão das atividades, com o objetivo de investigar de que modo estas têm sido tratadas na produção desses profissionais desde o início dos anos 1990. (Lima e Okuma, 2008; Lima e Napoli, 2010).

Foram consultados cinco periódicos nacionais da área que tiveram publicações neste período: Cadernos do Grupo de Estudos Profundos de Terapia Ocupacional (GES.TO), Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, Revista de Terapia Ocupacional da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional (CETO) e Revista de Terapia Ocupacional da USP.

Na primeira etapa desta pesquisa, cujos resultados foram apresentados em artigo publicado na Revista de Terapia Ocupacional da USP (Lima, Okuma e Napoli, 2011), 206 artigos que tratavam desta temática foram encontrados e foi realizada análise quantitativa do material. Esta análise possibilitou mapear os tipos de textos presentes, as referências teórico-

metodológicas mais utilizadas, os domínios das atividades mais tematizados e os termos mais freqüentemente empregados pelos autores da Terapia Ocupacional para designar a ferramenta de intervenção ou objeto de estudo da área, a saber, atividade, ação, fazer e ocupação.

Entre os 206 artigos estudados, 92 foram selecionados para a análise qualitativa, por apresentarem discussões teóricas sobre a temática em pauta, além de definições ou concepções de atividades ou dos termos correlatos mais utilizados: ação, fazer e ocupação.

A seguir apresentamos as definições dos termos e as discussões que foram encontradas na leitura do material.

II. Os termos e suas definições

1. Atividade

Atividade é o termo mais utilizado pelos autores brasileiros da Terapia Ocupacional, estando presente em 91% do total de textos estudados, totalizando 188 artigos. Nos textos selecionados para a análise qualitativa encontramos um rico debate sobre o termo e identificamos algumas temáticas frequentes nas discussões do campo, que apresentamos a seguir. São elas: atividade terapêutica; atividade humana; atividade como meio, recurso ou instrumento; atividade e Terapia Ocupacional.

Em estudo que teve por objetivo conhecer o conceito e o uso que os docentes de Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo faziam sobre atividade, Toyoda e Akashi (1995) afirmam que “a atividade é definida como uma vigorosa ou enérgica ação, ânimo, um processo que um organismo participa em exercê-la em virtude de estar vivo, com um envolvimento da função mental”. (Breines, 1984: 543 apud Toyoda; Akashi, 1995: 30).

1.1. Atividade Terapêutica

Em 1990, Nascimento publicou o texto *O mito da atividade terapêutica*, produzindo um marco no pensamento em TO no Brasil. Neste texto a autora propunha-se a desmascarar - por traz da ligação fácil e ideológica entre atividade e terapeuticidade - as práticas nomeadas de terapêuticas, que serviriam para ocultar a violência das instituições de exclusão. A suposição de que as atividades teriam propriedades terapêuticas, a serem descobertas pela análise de atividades, foi colocada em questão, na tentativa de reelaborar o *mito* que estaria encobrindo os reais objetivos e efeitos das ações dos terapeutas ocupacionais. A autora criticou, ainda, a redução da ação humana aos elementos imediatos do fazer e o enfoque das atividades somente por seus aspectos psicodinâmicos.

Após 20 anos da publicação deste texto, a produção teórica da área aponta para uma tendência ao abandono da expressão *atividade terapêutica*. Através do cruzamento entre análise quantitativa e análise qualitativa pudemos verificar que os terapeutas ocupacionais fizeram um deslocamento terminológico durante os últimos 19 anos: consolidou-se, neste período, uma tendência ao abandono da expressão *atividade terapêutica*. Dos 92 textos selecionados para a análise qualitativa apenas 8 (oito) fazem uso dessa expressão sendo que destes, 6 (seis) haviam sido publicados até o ano 2000.

Nos textos, o caráter terapêutico das atividades está associado a algumas de suas qualidades. Dentre elas, a expressão é a mais enfatizada; considera-se que a atividade permite a expressão de sentimentos, emoções e vivências, possibilita a percepção de comportamentos e fornece dados da história do sujeito (Castro e Silva, 1990; Rosseto et al., 2004).

Além da qualidade expressiva, os autores apontam objetivos para a utilização de atividades terapêuticas na TO. Entre eles, encontramos: exercitar funções, dar suporte a angústias, proporcionar satisfações ou esperanças (Siqueira e Juliboni, 2000); auxiliar a percepção de limitações e a experimentação de novas e mais saudáveis atitudes diante da vida (Cordeiro, 1997); ampliar as perspectivas da reabilitação, promovendo maior engajamento do paciente frente ao programa/processo de reabilitação. (Beckman; Santos, 2004, p. 35).

Ao longo da leitura dos textos percebemos que a idéia de que a atividade é um meio para se atingir determinados objetivos ou metas de saúde (Toyoda; Akashi, 1995) vai, aos poucos, substituindo a noção de *atividade terapêutica*. Termos como meio, instrumento ou recurso começam a ser utilizados para qualificar as atividades em TO. Assim, os terapeutas ocupacionais realizam uma discriminação entre atividade e seu possível caráter terapêutico, superando o reducionismo que acompanhava a idéia de que as atividades trazem em si propriedades terapêuticas.

Em um dos textos em que aparece a noção de *atividade terapêutica*, Ferigato (2007) afirma ser importante o trabalho conceitual com esta noção. Diz a autora:

Para se constituir como processo criativo, é importante trabalharmos com o conceito de atividade terapêutica (...) enquanto práxis, ou seja, uma atividade que transformando matérias (...) desenvolve-se numa relação indissolúvel entre teoria e prática, subjetivo e objetivo, individual e social, e ocorre num determinado contexto histórico, com vistas à criação e a transformação da realidade humana. (Ibid., p.135)

Levando a noção de *atividade terapêutica* a aproximar-se do conceito de *práxis*, a autora acompanha outra tendência que foi se delineando na área ao longo do período estudado, a de um deslocamento conceitual da idéia de *atividade terapêutica* para a de *atividade humana*, muitas vezes associada à perspectiva do materialismo histórico. Veremos a seguir as definições mais freqüentes de *atividade humana* tal como tem sido utilizada e pensada na área de Terapia Ocupacional.

1.2. Atividade Humana

A noção de *atividade humana* começou a ser utilizada na TO brasileira, com mais freqüência na década de 1990, no período em que a busca por criar consistência teórica para o campo tornou-se significativa. O referencial teórico com maior presença nas primeiras pesquisas é a do materialismo histórico. Utilizando esta perspectiva, Oliver (1990) afirma que o que distingue a força de trabalho humana é “seu caráter inteligente e proposital que lhe dá uma infinita adaptabilidade e que produz as condições sociais e culturais para ampliar a sua própria produtividade.” (Braverman, 1981, p. 58 apud Oliver, 1990, p.77). Considerando que a produção constitui um modo determinado de atividade e de vida, Oliver, cita Marx & Engels, que consideram que

A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são. O que são coincide, portanto, com sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende portanto das condições materiais da sua produção. (Marx & Engels, 1975, p. 19 apud Oliver, 1990, p. 77).

Baseando-se nos mesmos referenciais, Mângia (2003) afirma que a qualidade de ser consciente é o que distingue a atividade vital do homem daquela do animal. Esta concepção coaduna-se com a de Kagan, esteta russo trazido para as discussões da TO por Castro, que considera que a estrutura da atividade vital real do homem é o que dá a base de sua atividade social. (Castro, 2000).

A *atividade humana* aparece nestes textos como elemento fundamental para a construção da existência. É entendida como atividade que corresponde a uma motivação do agente e cujo componente básico é a ação que transforma essa motivação em realidade (Prado de Carlo, 1991). Além de inserida e produzida por uma realidade social, é vista também como forma de expressão de quem a realiza (Castro e Silva, 1990).

Para Costa e Almeida (2004, p. 14), a *atividade humana* é algo vivo, mutável, diverso e plural. Lima (1997, p. 100), considera que através dela o homem é capaz de “transformar a natureza, transformar o mundo em que vive, criar a própria existência, criar-se a si mesmo” Componentes das atividades humanas como a sensação, o significado, o pensamento e o movimento são enfatizados por autores como Castro (1992), Domingues (1992) e Ferigato (2007). Essas atividades “são experiências no universo das linguagens não-verbais, que partem da experiência sensorial” (Castro, 2000, p. 9) e estão voltadas para a criação e o exercício da responsabilidade e do comprometimento com o mundo e com o que nele se cria. (Araújo, 1999).

A utilização do conceito de *atividade humana* pelos autores faz com que as atividades em TO sejam permeadas de historicidade e atravessadas pela dimensão sócio-política, de forma a articularem-se o processo individual, a história e a cultura de um grupo. A atividade passa a ser vista como elemento que promove o encontro e o diálogo entre o sujeito, seu grupo social, seu tempo histórico, sua tradição cultural. (Vieira e Claudino, 2007; Malfitano, 2005; Barros et al., 2002). Estando ligadas intrinsecamente ao mundo compartilhado, as atividades podem ampliar o campo da consciência e propiciar o autoconhecimento e a comunicação. (Pellegrini, 2007; Almeida et al., 2002)

Partindo da construção de uma compreensão ampla de *atividade humana*, os autores pensam as características que possibilitam sua utilização num processo terapêutico. Para Ferigato (2007) a atividade traz consigo um potencial transformador e poderá funcionar, na TO, como instrumento catalisador dos processos de mudança. Para Faria (1995), o homem em atividade está em relação com a alteridade e é nesta relação que se realiza o ato da vida. Para a autora, a atividade é um fim-meio de se obter conhecimentos e mudanças.

Assim, noções de meio, recurso, instrumento ou mediação tornam-se presente nos textos estudados.

1.3. Atividades: recurso, instrumento ou mediação?

Malfitano (2005) considera que as atividades têm sido o recurso terapêutico historicamente utilizado pelos terapeutas ocupacionais com diferentes grupos populacionais. Enquanto meio de formação de vínculo e intermediação para que se possa iniciar a construção conjunta de novos projetos de vida, a atividade é utilizada tendo como fim a produção de autonomia. Assim, a atividade configura-se como instrumental de intervenção da Terapia Ocupacional, em um campo interdisciplinar.

Para Castro (2001 apud Vieira e Claudino, 2007) na TO as atividades são recursos que proporcionam conhecimento e experiência, auxiliam na transformação de rotinas, ampliam a

comunicação e possibilitam crescimento pessoal, autonomia, interação social e inclusão cultural. Já para Isidoro (2000), as atividades podem ser recurso para a expressão não-verbal de impulsos e fantasias, diminuição do embotamento afetivo, promoção da aprendizagem e eliminação de sintomas.

Outros autores consideram a atividade um instrumento para investigar, tratar e inserir socialmente o paciente por meio da experiência do fazer (Pellegrini, 2008). Este instrumento teria diferentes funções, de acordo com os autores: promover comunicação, expressão, e conhecimento de si, das relações e do mundo; evidenciar potencialidades e limitações daqueles envolvidos no processo da atividade (Caldeira et al., 2003; Beckman e Santos, 2004); aprimorar habilidades (Caldeira et al., 2003); manter ou alcançar uma vida saudável e integrada socialmente (Lima e Pasetchny, 1998); ampliar trocas e fomentar a aprendizagem do repertório sociocultural e possibilitar a construção de algo no mundo (Aoki et al., 2006). Segundo Benetton (2008, p. 29), as atividades possibilitam “tratar, educar, ensinar, organizar, alterar o ambiente e incluir pessoas num sistema que lhes permita integrações e interações”.

A mediação é também uma idéia utilizada para pensar o lugar das atividades no processo de TO. Santos e Fedeger (2008) e Aoki et. al. (2006), consideram que, por seu caráter transformador da natureza, do mundo em que se vive e de si mesmo, a atividade humana funciona com mediador das relações entre as pessoas, com a instituição, com a equipe e com a comunidade, revelando desejos, potencialidades, conflitos e auxiliando na compreensão da inserção cultural, histórica e social.

Para o Método da Terapia Ocupacional Dinâmica, as atividades em TO são mediadoras da relação terapeuta-paciente-grupo. (Esturaro; Bucarechi, 1998; Ferrari, 1991). Nesta perspectiva, elas são parte integrante de uma tríade composta por uma terapeuta ocupacional e um sujeito que necessita de TO. (Benetton e Goubert, 2000; Isidoro, 2000; Pellegrini, 2007). Como termo médio da relação triádica, no contexto do setting terapêutico, as atividades possibilitam ao paciente

[...] uma ampliação do seu conhecimento e contato com o mundo, ajudando-o a fazer escolhas, explorar técnicas e materiais diferentes, falar da sua história e transpor para seu cotidiano experiências vivenciadas no setting, processo que possibilita a experimentação de um novo modo de ser, fazer e estar no social. (Moraes, 2007, p. 25),

Para Ferrari (1997), a atividade é utilizada em TO para instaurar um campo no qual expressão, informação e comunicação se tornam elementos na constituição do vínculo terapêutico,

construindo aberturas para formas de fazer, criar, captar o mundo, trocar e relacionar-se. (Ferrari, 2002).

Rui Chamone (1991) considera que a atividade humana é mediadora entre o homem e o mundo na medida em que

[...] é o movimento para o devir humano, em razão da necessidade que tem o espírito de tornar-se um ser-outro para promover o trabalho de reflexão sobre si mesmo, exteriorizando-se para não morrer na esterilidade. (Ibid., p. 56).

1.4. Atividades e Terapia Ocupacional

A definição de TO do Curso de Graduação da USP postula que “as atividades são instrumento privilegiado das ações dos terapeutas ocupacionais e constituem o elemento orientador na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico nesta área” (CDPTO-USP, 1997). Em vários dos textos estudados as atividades aparecem como elemento que caracteriza a profissão (Esturaro e Bucarechi, 1998; Fernandes, 2006). Benetton (2008) enfatiza a presença das atividades como instrumental próprio da TO nas definições oficiais da profissão, divulgadas pela World Federation of Occupational Therapy (WFOT). Para a autora o paradigma fundador desta profissão é a idéia de que as atividades instrumentalizam a criação de espaços de saúde para construções no cotidiano.

A relação entre atividade e cotidiano sustenta a centralidade deste último para a constituição do campo profissional. Nos textos estudados com frequência é estabelecida uma relação entre a realização de atividades e a construção do cotidiano, levando-se em conta uma inclusão saudável e participativa do sujeito em seu meio sócio-cultural. (Pellegrini, 2007; Benetton et al., 2003). Esta relação é enfatizada nos textos que trabalham com o Método da TO Dinâmica. Neste método, a atividade é definida como “instrumento capaz de promover a construção do cotidiano em função de uma participação social”. (Benetton et al., 2003, p. 28).

No processo de realização de atividades, o paciente conecta-se a um discurso verbal, a um produto final, a outros processos de realização de atividades, a comportamentos e atitudes, para construir e reconstruir histórias. (Ferrari, 2002). Há aqui uma compreensão de que as atividades criadas fazem parte de uma “sintaxe construída, modelada, costurada”. (Fernandes, 2006, p. 127). Neste processo, cabe ao terapeuta ocupacional sustentar a posição de que essa construção têm sentido, considerando que as atividades são criações significantes que se entrelaçam num discurso.

Para Barros et al. (2002) é numa rede de relações que as atividades ganham sentido:

A atividade torna-se situada e significativa na imbricação de um caleidoscópio de interpretações: ela é percebida, vivida e interpretada por cada um de seus atores (...) e é modificada pelo intento de transformação presente nos objetivos do programa em que se inscreve. (Ibid., p. 102)

2. Ação

O que torna a atividade situada e significativa é a ação dos sujeitos ao realizá-la, percebê-la, vivenciá-la e interpretá-la. O termo ação é consideravelmente utilizado pelos autores da Terapia Ocupacional. Dentre os 92 artigos selecionados para a análise em profundidade, 21 apresentam definição ou discussão sobre a ação. Nesses textos, a ação aparece como elemento de interação entre indivíduo e contexto, englobando diversos aspectos da vida cotidiana, de forma simbólica, relacional ou material.

Para Mângia (2002) a ação produz

movimentos capazes de oferecerem suportes, proteção e resolução de problemas que contribuam para a superação da situação existencial que torna possível a manifestação da crise ou a permanência do sujeito em uma situação de fragilização e vulnerabilidade em relação ao seu contexto sócio-relacional. (Ibid.:132)

As ações são compostas por movimento, sensação, significado e pensamento (Domingues,1992) e, segundo Nascimento (1990) requerem mais do que habilidades motoras, cognitivas e emocionais, requerem o reconhecimento do direito de fazê-las.

Em muitos textos é enfatizado o caráter transformador da ação (Fuzikawa, 1998), que só se realiza em um contexto sócio-cultural. Para Vieira e Claudino (2007), tudo que está sendo formado e transformado pelo homem está impregnado de valores culturais; Brunello (1991) afirma que as ações humanas dependem dos aspectos do meio em que se vive e Nascimento (1990) enfatiza que seu significado relaciona-se às condições de vida do sujeito.

Para Viana (2004), é através de sua ação que os integrantes de uma comunidade vivenciam os fundamentos da vida social. Barros (2004, p. 92) afirma que em TO social os processos de ação “tornam-se espaços de negociação cultural e relacional, de produção ou de facilitação de projetos de vida e do sentimento de pertencimento”.

O entendimento dos processos envolvidos na ação é fundamental para que se possa conceber a vida cotidiana como matriz de transformações. De acordo com o referencial teórico adotado, os autores chamam nossa atenção para diferentes aspectos envolvidos nesses processos: a construção do cotidiano em função da participação social (Benetton et al., 2003); a

construção de projetos de vida, a experimentação de si e do outro (Galheigo e Angeli, 2008); a aquisição de novas formas de ser e de agir e o desenvolvimento de uma reflexão crítica (Santos e Fedeger, 2008); a otimização do desempenho ocupacional, ou a busca de um caminho para a cura. (Faria, 1995).

Para Benetton (1992), em Terapia Ocupacional são desenvolvidas atividades que propiciam a ação e o fazer da pessoa atendida, constituindo elementos de uma linguagem não-verbal.

3. Fazer

Ao criar um substantivo a partir de um verbo no infinitivo, os terapeutas ocupacionais colocam em relevo a processualidade do ato e dão atenção ao acontecimento aí implicado. Fazer é agir; expressa a potência de alguém de realizar uma ação no mundo, acentuando o aspecto fabril e realizativo dessa ação (Pareyson, 1973).

Para Faria (1995), o ato de fazer é um momento de intensa solidão no qual materiais concretos e humanos se compõem, produzindo a integração da experiência. De um lado encontram-se as fantasias, os desejos e seus embates com a realidade; de outro, a materialidade, sua resistência, seus limites e possibilidades, a significação que recebe no mundo humano. Araújo (1995) chama a atenção para a relação de intimidade e encontro entre a pessoa e o material, que se estabelece no fazer e que remete à ação de transformar. Para a autora,

fazendo com liberdade, o homem tem a oportunidade de criar objetos voltados à sua sensibilidade, conjugando ação motora com ação mental, satisfazendo sua necessidade de unir seus conteúdos internos com os conteúdos externos, de fazer coexistir o que é relativo com o absoluto. E é essa possibilidade de conciliação que permite ao homem obter conhecimento. (Ibid., p. 17).

Apesar de bastante utilizado pelos terapeutas ocupacionais (Lima et al., 2011), o fazer é discutido ou definido em apenas 12% dos 92 artigos selecionados para a análise qualitativa. Estes são, em sua grande maioria, textos referenciados na Terapia Ocupacional Dinâmica, no Método Crítico-Laborativo, nas abordagens psicodinâmicas e na perspectiva da complexidade. Nestes textos o termo opera uma qualificação das atividades e ações, freqüentemente associando-as à criação e à transformação.

Para alguns autores, o fazer é um processo imprevisível que, aliado à possibilidade de resultar numa produção significativa, é entendido como criação que não depende de regras ou normas pré-existentes. (Viana, 1991; Esturaro e Bucarechi, 1998). Para outros, é no fazer livre e criativo que está o potencial transformador humano, ao propiciar o exercício da reflexão

crítica e as mudanças diante da vida, ampliando os aspectos de saúde. (Araújo, 1995; Ferigato, 2007).

Para Siqueira e Juliboni (2000), o fazer afirma a qualidade de tonar-se ativo, trazendo a possibilidade do indivíduo sair da estagnação, criar coisas novas e transformar-se. Karaguilla e Takatori (2005) consideram que ao, provocar um movimento no sentido da diversificação das produções, atitudes e valores, o fazer contribui para o desenvolvimento e ampliação dos espaços de participação social.

Benetton, Tedesco e Ferrari (2003), citam Certau para afirmar que a invenção do cotidiano se dá no fazer, através de “astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais [o sujeito] altera os objetos e os códigos, se reapropriando do espaço e do seu uso a seu jeito” (Certeau, 2002 apud Benetton et. al, 2003: 35).

4. Ocupação

Dentre os 92 artigos selecionados para a análise qualitativa, apenas 11% apresentam discussão ou definição de ocupação, termo presente no nome da profissão. Excetuando-se dois textos que referem-se ao Modelo da Ocupação Humana, nos outros, ocupação é um termo utilizado conjuntamente com atividades e ação, sem que se construa uma distinção entre eles.

Moreira e Caldeira (1993) consideram que na atenção em TO, a ocupação se prestaria à recuperação de funções e da capacidade de desempenhar papéis sociais produtivos e citam Chamone para afirmar que as

atividades enquanto ocupação/trabalho mantém o sentido original da qualidade de ativo, onde as ocupações (...) precisam ser compreendidas como um modo ativo de o paciente intervir no mundo e, assim, ativamente, estar consigo e com os outros. (CHAMONE, 1990 apud MOREIRA e CALDEIRA, 1993, s/p).

Costa e Almeida (2004) também referem-se a atividade e ocupação como termos intercambiáveis. Para os autores ambos “seriam exercícios de se pensar a multiplicidade da terapia ocupacional”. (Ibid., p. 14), o que não esclarece os termos e nem produz uma distinção entre eles. Em 1996, Almeida se referira à ocupação como uma ação. Segundo o autor, a ocupação seria algo inerente ao homem, constituindo-se em elemento de transformação e crescimento individual e social. O autor acrescenta que “é através dessas *ações* que [o homem] se transforma e cria sua própria existência” (Almeida, 1996, p. 96).

Algumas definições encontradas para ocupação assemelham-se aquelas encontradas para as atividades. Polia e Castro (2007) citam Ferrari (1991) para afirmar que através da ocupação

o homem interage com meio ambiente, produz nele modificações e é por ele influenciado, logo, a formação e manutenção da cultura dependem diretamente da ocupação humana. (FERRARI, 1991, p. 17 apud POLIA e CASTRO, 2007, p. 22)

Poucos autores buscam diferenciar os termos. Benetton (2008) entende ocupação como um tipo específico de atividade; argumenta, utilizando-se do pensamento de Singer, que o termo ocupação refere-se a um tipo de atividade que proporciona sustento a quem a exerce. Neste sentido, o emprego assalariado seria uma ocupação. Vemos aqui o esforço de pensar o termo a partir dos usos e sentidos da língua portuguesa. No entanto, ocupação também é definida a partir dos autores de língua inglesa, na qual o termo tem outros significados, no interior de modelos norte-americanos ou canadenses de TO. Benetton e Lancman (1998) citam Kielhofner, para quem a conduta ocupacional é definida como “as atividades que as pessoas realizam durante a maior parte do tempo, quando despertados”. (KIELHOFNER, 1985 apud BENETTON e LANCMAN, 1998, p. 101).

As autoras citam Mallinson, que define a ocupação como sendo “a relação entre uma forma ocupacional e um desempenho ocupacional. Desempenho ocupacional significa o fazer. Forma ocupacional significa o objeto, ou a forma como ele foi feito.” (MALLINSON et al., 1998 apud BENETTON e LANCMAN, 1998, p. 101).

Percebemos que o termo ocupação ainda não possui na Terapia Ocupacional brasileira a consistência conceitual e vem sendo utilizado de diferentes formas, a partir de diferentes referenciais teóricos. Definições mais claras aparecem quando são mencionados modelos ou teorias que utilizam o termo, como mostramos no caso do Modelo da Ocupação Humana, o que ajuda a relacionar e distinguir atividade e ocupação.

III. Discussão

Este estudo foi impulsionado pela necessidade de produzir uma compreensão sobre o termo atividade e seus correlatos na TO. Em texto de 2008, Jô Benetton apontava que havia no campo uma indiscriminação entre atividade humana, ação, ocupação, atividade ocupacional e até exercícios. Segundo a autora “cada vez mais o termo ocupação e seus correlatos nos deixam, por descuido dos estudiosos, numa tremenda confusão”. (BENETTON, 2008, p. 26)

Finalizada a pesquisa, foi possível constatar que os terapeutas ocupacionais vêm trilhando um caminho na construção coletiva de concepções sobre atividade, ação, ocupação e fazer. Neste caminho, duas discussões sobressaem, pela sua relevância e presença na área.

A primeira diz respeito ao deslocamento, ocorrido na produção teórica da área, da noção de *atividade terapêutica* para a proposição de atividade como recurso, meio, mediação ou instrumento. Para Benetton (2008) na maioria das publicações da área as atividades são apresentadas como um recurso. No entanto para esta autora, um recurso não poderia caracterizar a TO, já que poderia ser abandonado, substituído ou excluído dos procedimentos da profissão. Benetton faz uma diferenciação entre recurso e instrumento, afirmando que as atividades se definem como instrumento específico da TO na medida em que “instrumentalizam a criação de espaços de saúde, para construções no cotidiano”. (Ibid.: p. 28).

Marília Caniglia (1991) também problematiza a caracterização da TO pelo recurso das atividades, o que seria, segundo ela, defini-la pelos meios de tratamento, possibilitando que fosse considerada uma técnica. A autora propõe definir a TO pelo objeto de estudo, considerando que o corpo de conhecimento e a prática profissional apontam para a superação de uma atividade meramente técnica em direção ao crescimento científico. Para dar conta deste crescimento seria preciso deixar para trás a idéia de atividade como recurso para pensar a atividade humana como objeto de uma ciência. Embora a proposição de Caniglia de renomear a Terapia Ocupacional como Praxiologia ou Ciência da Atividade Humana não tenha se estabelecido na área, a discussão que a autora propõe em torno das atividades é bastante atual.

Assim, a questão de considerar a atividade um recurso ou instrumento da TO permanece em aberto nas discussões da área, acrescida da proposição de pensarmos a atividade em sua função de mediação e como objeto de estudo.

A segunda discussão refere-se à distinção entre os diferentes termos utilizados no campo, afirmando suas diferenças e apontando as articulações entre eles. Nos textos estudados, atividade é o termo mais utilizado pelos autores brasileiros, sendo que os termos ação e fazer possuem também uma presença significativa (Lima et al., 2011), o que aponta para a necessidade de distinção entre esses termos.

Em Castiglione et al. (2004), encontramos um caminho de diferenciação entre atividade, ação e fazer, que nos pareceu interessante. Discutindo a análise de atividades no campo da TO, as autoras consideram necessário discernir quando se trata da análise da atividade em si, e quando se trata de uma análise da ação do sujeito que a realiza. Desta forma, as autoras propõem que a análise de atividades seja composta por dois processos. O primeiro, envolveria o “estudo da atividade”, compreendendo o estudo da esfera cultural na qual a atividade é produzida; a forma como é realizada em diferentes comunidades e contextos culturais; as

técnicas para sua execução; o conhecimento dos materiais utilizados; os diferentes significados que possa ter; seu uso em contexto terapêutico. O segundo processo seria “a análise do fazer singular de cada sujeito, isto é a análise do sujeito em atividade, que abriria o horizonte do terapeuta ocupacional para as diferentes maneiras de uma atividade ser realizada”, e deveria levar em conta o sujeito em sua materialidade, seu plano das idéias, seus afetos, inserido em seu cotidiano, em seu território, em seu coletivo. (Castiglione et al. 2004, p. 69). A análise de atividades compreenderia assim o estudo da atividade enquanto campo de conhecimento constituído historicamente, mas também a análise da ação única e singular de um sujeito.

Nesta perspectiva, as atividades indicam campos da produção cultural, compreendendo um conjunto de hábitos, técnicas, instrumentos, materiais, formas socialmente estabelecidas de fazer e conhecimentos historicamente constituídos. É neste sentido que podemos falar da atividade de pintura, de dança, de marcenaria, de ensino, de pesquisa, de jogos e brincadeiras etc. Já a ação designa um ato único, irreversível e singular que expressa o agente (ARENDDT, 2000); ela diz respeito a um sujeito ou coletivo, seu contexto de vida, sua forma singular de fazer. Ação estaria, portanto, associada ao termo fazer, verbo no infinitivo que se efetua em sua conjugação quando um sujeito se faz presente em ato. Assim, atividade refere-se a um campo sócio-cultural, enquanto ação e fazer remetem a um gesto singular.

Desta forma, podemos pensar que quando nós, terapeutas ocupacionais, buscamos intervir nos processos de saúde e de subjetivação através da realização de atividades, estamos atuando no interior de um campo cultural que produziu uma forma de fazer, um saber-fazer, uma tecnologia. Estamos inseridos em um território coletivo. No entanto não podemos desconsiderar que quando alguém faz alguma coisa neste território, quando alguém age, produz-se um movimento singular que é como uma pequena desterritorialização daquele território no qual a ação emergiu.

Uma discussão que busca distinguir os termos atividade e ocupação, e que possui ressonâncias com a discussão apresentada acima, vem sendo formulada pelos terapeutas ocupacionais de língua inglesa. No artigo “Desembaraçando ocupação e atividade”, Pierce (2003) se propõe a apontar as relações e diferenciações entre esses termos. Para ela, a TO é sustentada pela idéia de que ocupação e atividade dão sentido à vida humana e possuem poder terapêutico e por isso definições precisas dos termos tornam-se necessárias.

Em sua reflexão, ocupação seria uma experiência única construída por uma pessoa inserida num contexto particular, implicando a subjetividade daquele que a realiza. As atividades são mais gerais, com significados compartilhados culturalmente; trazem valores culturais

estabelecidos que podem servir de guia ou se constituir em sistemas opressivos que limitam a liberdade e a criatividade. A atividade, portanto, refere-se a uma classe geral de ações humanas culturalmente definidas.

Para Pierce, o trabalho com atividades demanda a atualização constante dos terapeutas ocupacionais, frente aos potenciais de intervenção e às variações culturais das atividades. A ocupação, por outro lado, pode direcionar práticas mais sensíveis para acessar a perspectiva e os objetivos do cliente, nas relações com seu entorno e com sua comunidade. Subjetividade e contexto seriam, então, as chaves para indicar a perspectiva que guia o olhar do terapeuta ocupacional.

Voltando para a distinção dos termos na produção brasileira, poderíamos pensar que o sujeito em ação atualiza de forma singular um campo de saberes práticos, cultural e historicamente constituído. Ao agir, o sujeito se apropria de símbolos, formas de fazer e conhecimentos e cria, a partir deles, sua marca, seu estilo. Considerando que a prática dos terapeutas ocupacionais visa possibilitar a cada sujeito a descoberta de uma forma própria de construir sua ação no mundo (Lima, 2004), distinguir atividade e ação mostra-se importante para que se possa diferenciar quando o foco está sobre idéias, formas de fazer e conhecimentos social e historicamente produzidos e valorados, ou quando está na experiência de um sujeito, seu modo próprio de fazer.

IV. Finalizações

Através das leituras realizadas pode-se observar que o conceito *atividade* é uma construção inacabada, situada num contexto histórico, territorial e cultural, que, por sua importância vem determinando caminhos para a profissão e para a ação dos terapeutas ocupacionais. Como colocam Barros, Ghirardi e Lopes (2002), o conceito *atividade* em TO é um construto, um conceito “indicial; universal por ser trans-situacional, que tem significados distintos em cada situação particular e só ganha sentido no contexto de intercâmbio e das práticas em que se realiza” (Ibid., p. 102). Para as autoras falar em atividade é falar em processo e em mediação interpretativa entre nós e os fenômenos. As atividades definidas de modo genérico compreendem o agir e o fazer dos sujeitos, configurando modos singulares, concretos e materiais de dizer o mundo e se relacionar com ele. As autoras afirmam que

É preciso mudar o olhar sobre a atividade, não mais trabalhar com a atividade como uma abstração esvaziada de sentido concreto para o indivíduo, mas unir sua função interpretativa, que se dá através da dimensão inconsciente absorvida da psicologia, com seu conceito de

historicidade, nutrido pela dimensão sócio-política e cultural enquanto instrumento para a emancipação. (Ibid., p. 102)

Se “um conceito só vale pela vida que lhe é dada” (Guattari, 1992: 201), vimos neste percurso que as atividades ganharam vida e se associaram à vida. Podem, assim, contribuir para a configuração de um campo de práticas, como é o da Terapia Ocupacional.

No percurso dessa pesquisa foi possível reunir e refletir sobre a construção conceitual realizada pelos autores da Terapia Ocupacional ao longo de quase 20 anos, configurando um exercício crítico sobre o que tem sido produzido teoricamente no campo, analisando a instituição da TO bem como os conceitos aí forjados. Assim, responde-se ao convite que fazem Costa e Almeida (2004) de participar da composição ética e estética da profissão.

V.Referências Bibliográficas

ALMEIDA, I.S.; RUAS, T.C.B.; AKASHI, L.T. O sentido da tríade para alguns alunos da Terapia Ocupacional. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.10, n.1, p.5-18, 2002.

ALMEIDA, M.V.M. Arte, loucura e sociedade: ideologias e sensibilidade na terapia ocupacional. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.5, n.2, p. 87-100, 1996

AOKI, M.; OLIVER, F. C.; NICOLAU, S. M. Pelo direito de brincar: conhecendo a infância e potencializando a ação da Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 17, n. 2, p. 57-63, 2006.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ARAÚJO, R.P.Z. Terapia Ocupacional: possibilidade de ajuda. *Caderno de Terapia Ocupacional*, Belo Horizonte, GES.TO, ano VII, n. 1, p. 15-27, out 1995.

_____. Contribuição às propostas de reabilitação psicossocial (atenção a crianças e adolescentes). *Cadernos de Terapia Ocupacional*, Belo Horizonte, GES.TO, ano XI, n. 1, p. 39-49, set 1999.

BARROS, D.D. Terapia Ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 15, n. 3, p. 90-7, 2004.

BARROS, D.D.; GHIRARDI, M.I.; LOPES, R.E. Terapia Ocupacional Social. *Revista de*

- Terapia Ocupacional da USP*, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.
- BECKMAN, K. A. F.; SANTOS N. C. M. Terapia Ocupacional: relato de caso com vítima de escarpelamento por eixo motor de barco. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.12, n.1, p.20-43, 2004.
- BENETTON, M. J. Na articulação entre o "Falar" e o "Fazer" a construção da historicidade na psicose. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 3, n. 1/2, p. 4-7, 1992.
- _____. Atividades: tudo o que você sempre quis saber e ninguém respondeu. *Revista do CETO*, ano 11, n.11, p. 26-29, 2008.
- BENETTON, M. J.; TEDESCO, S.; FERRARI, S.M.L. Hábitos, cotidiano e Terapia Ocupacional. *Revista do CETO*, ano 8 n.8, p. 27-40 , 2003.
- BENETTON, M. J.; GOUBERT, J. P. Fazemos atividades: produção intelectual e valor heurístico em Terapia Ocupacional. *Revista do CETO*, ano 5, n.5, p. 11-15, 2000.
- BENETTON, M. J.; LANCAMAN, S. Estudo de confiabilidade e validação da "entrevista da história do desempenho ocupacional". *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 9, n. 3, p. 94-104, 1998.
- BRUNELLO, M.I.B. Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento de Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 2, n. 1, p. 30-4, 1991.
- CALDEIRA, V. A.; MONTILHA R. C. I.; NOBRE, M. I. R. S. Grupo de espera no processo de reabilitação de pessoas com deficiência visual: contribuições da Terapia Ocupacional. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.11, n.2, p.95-105 , 2003.
- CANIGLIA, M. M. Rumo à ciência da atividade humana. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 2, n. 2/3, p. 60-65, 1991.
- CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C.C. Caminhos da Terapia Ocupacional. In: CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C.C. (org.) *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. p.19-40. São Paulo: Plexus Editora, 2001.
- CASTIGLIONI, M.C; CASTRO, E.D.; LIMA, E.F.M.A.; SILVA, S.N.P. Análise de

atividades: apontamentos para uma reflexão atual. In: CARLO, M.M.R.P. (org.). *Terapia Ocupacional: reabilitação física e contextos hospitalares*. São Paulo: Rocca, 2004.

CASTRO, E.D. A dança, o trabalho corporal e a apropriação de si mesmo. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 3, n. 1/2, p. 24-32, 1992.

_____. Arte, corpo e Terapia Ocupacional: aproximação, intervenção e desdobramentos. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 11, n. 1, p. 7-12, 2000.

CASTRO, E.D.; SILVA, R.J.G. Processos criativos e Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 1, n. 2, p. 71-5, 1990.

CDPTO-USP. Folder do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP. São Paulo: Centro de Docência e Pesquisa em Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP, 1997

CHAMONE, R. J. A mediação na Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional do GES.TO*, ano III, n. 1, p. 48-97, set. 1991.

CORDEIRO, J. J. R. Expandindo o papel dos terapeutas ocupacionais em reabilitação cardíaca. *Revista do CETO*, ano 2, n.2, p. 48-51, 1997.

COSTA, M.C.; ALMEIDA, M.V.M. Esquiza-ocupação: uma ferramenta de análise da instituição Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 15, n. 1, p. 11-16, 2004.

DOMINGUES, J.M. Aspectos da intervenção de Terapia Ocupacional no ambulatório de ginecologia de adolescentes. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 3, n. 1/2, p. 65-71, 1992.

ESTURARO, A.T.A.; BUCARETCHI, H.A.; Uma proposta de intervenção do terapeuta ocupacional no tratamento da anorexia nervosa. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 9, n. 2, p. 82-7, 1998

FARIA, M. B. S. R. Pensando as oficinas. *Cadernos de Terapia Ocupacional do GES.TO*, ano VII, n. 1, p. 48-71, out 1995.

- FERNANDES, S.R. A transferência e a construção de um fazer criativo. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 17, n. 3, p. 123-128, 2006.
- FERIGATO, S. H. O agir criativo em Terapia Ocupacional: uma reflexão filosófica a partir dos paradoxos da contemporaneidade. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.15, n.2, p. 131 - 198, 2007.
- FERRARI, S.M.L. O nascer das palavras através do fazer. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 2, n. 1, p. 12-5, 1991.
- _____. A ancoragem no caminho da psicose: um estudo clínico do uso de atividades e sua compreensão no tratamento de psicóticos. *Revista do CETO*, ano 2, n.2, p. 9-15, 1997.
- _____. A-tua-ação da TO no corpo contido. *Revista do CETO*, ano 7, n.7, p. 9-13, 2002.
- FUJIKAWA, P.L. O museu didático de imagens livres Mostra: A morte de um amor e Um caso de amputação. *Cadernos de Terapia Ocupacional do GES.TO*, ano X, n. 1, p. 26-35, out 1998.
- GALHEIGO, S. *Terapia Ocupacional: a produção do conhecimento e o cotidiano da prática sob o poder disciplinar: em busca de um depoimento coletivo*. 1988. 84 fls. Dissertação (mestrado em Educação). Campinas: UNICAMP, 1988.
- GALHEIGO, S.; ANGELI, A. A. C. Terapia Ocupacional e o cuidado integral a saúde de crianças e adolescentes: a construção do Projeto ACCALANTO. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 19, n. 3, p. 137-143, 2008.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- ISODORO, A.L.C. Redimensionando atividades. *Revista do CETO*, ano 5, n.5, p. 16-21, 2000.
- KARAGUILLA, M.; TAKATORI, M. A atividade da terapeuta ocupacional. *Revista do CETO*, ano 9 n.9, p. 36-45, 2005.
- LIMA, E. M. F. A. *Clínica e Criação: a utilização de atividades em instituições de Saúde Mental*. 1997. 201 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica).São Paulo: PUC/SP, 1977.

_____. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 15, n. 2, p. 42-8, 2004.

LIMA, E. M. F. A.; OKUMA, D. G. As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção teórica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990-2008. Relatório Final apresentado ao Programa de Iniciação Científica Ensinar com Pesquisa da Universidade de São Paulo. 2008

LIMA, E.M.F.A.; NAPOLI, M.P. Atividade, Ocupação, Fazer e Ação: a discussão dos termos e dos campos das atividades humanas na Terapia Ocupacional brasileira. Relatório Final apresentado ao Programa de Iniciação Científica Ensinar com Pesquisa da Universidade de São Paulo. 2010.

LIMA, E. M. F. A.; OKUMA, D. G; NAPOLI, M.P. As Atividades no Campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 22, n. 1, p. 68-75, 2011.

LIMA, L.J.C.; PASETCHNY, N. Atividades em grupo: uma alternativa para inclusão social na terceira idade. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 9, n. 1, p. 37-42, 1998.

MALFITANO, A.P.S. Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 16 n. 1, p.9-13, 2005.

MÂNGIA, E.F. Contribuições da abordagem canadense – prática de TO centrada no cliente e dos autores da desinstitucionalização italiana para TO e Saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 13, n. 3, p. 127-134, 2002.

_____. Alienação e trabalho. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 14, n. 1, p. 34-42, 2003.

MEDEIROS. M. H. R. *Terapia Ocupacional. Um enfoque epistemológico e social*. São Paulo: Ed. Hucitec / São Carlos: EdUFSCar, 2003.

MORAES, G.C. Trilhas associativas: uma história contada a três. *Revista do CETO*, ano 10, n.10, p. 19-25, 2007.

MOREIRA,F.L.A.; CALDEIRA, L.M.A. Trabalho: atividade terapêutica? *Cadernos de*

Terapia Ocupacional do, GES.TO, ano V, n. 1, p. 105-129, out 1993.

NASCIMENTO, B.A. O mito da atividade terapêutica. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 1, n. 1, p. 17-21, 1990.

OLIVER, F.C. Reflexões sobre a relação entre trabalho e saúde e as propostas de intervenção em Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 1, n. 2, p. 76-80, 1990.

PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PELEGRINI, A.C. As relações entre o brincar no método da Terapia Ocupacional Dinâmica e no Modelo Lúdico: subsídios para a clínica na saúde mental infantil. *Revista do CETO*, ano 10, n.10, p. 40-47, 2007.

_____. Brincar é atividade. *Revista do CETO*, ano 11 n.11, p. 41-46, 2008.

PIERCE, D. Desembaraçando ocupação e atividade. Tradução: Joana Benetton. Revisão: Cecília Cruz Villares. *Revista do CETO*, ano 8, n.8, p. 13-26, 2003.

POLIA, A. A. ; CASTRO, D. H. Lesão medular e suas seqüelas de acordo com o modelo de ocupação humana. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.15, n.1, p. 19-30, 2007.

PRADO DE CARLO, M.M.R. Des-cobrimdo o lúdico. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 2, n. 4, p. 157-163, 1991.

ROSSETO, T. C. F. S.; AKASHI, L.T.; OLIVEIRA, A. S. Relato de caso de um paciente com características psicossomáticas. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.12, n.1, p. 44-55, 2004.

SANTOS, D. R.; FEDEGER, A. M. O terapeuta ocupacional no processo de ressocialização de adolescentes em conflitos com lei privados de liberdade: transformações através da ocupação. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 19, n. 2, p. 100-107, 2008.

SIQUEIRA, F.M.B; JULIBONI, E. P. K. O papel da atividade terapêutica na realibitação do indivíduo queimado em fase aguda. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.8, n.2, p. 79-93, 2000.

SOARES, L.B.T. *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* São Paulo: Hucitec, 1991.

TOYODA, C.Y.; AKASHI, L.T. Atividade: conceito e utilização pelos terapeutas ocupacionais-docentes do Estado de SP. *Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.4, n.1/2, p. 26-35, 1995.

VIANA, R.G.V. Fundamentos para a terapêutica ocupacional do drogadicto. *Cadernos de Terapia Ocupacional do, GES.TO*, ano III, n. 1, p. 25-47, set 1991.

_____. O uso do trabalho como tratamento do dependente químico. *Cadernos de Terapia Ocupacional do GES.TO*, ano XI, n. 1, p. 47-100, out 2004.

VIEIRA, C. M.; CLAUDINO, M. A. O. A. Terapia Ocupacional em uma proposta ecológica e funcional com crianças e jovens com múltipla deficiência. *Revista de Terapia Ocupacional da Bahiana*, v. 3, p. 22-27, 2007.